Resumo de: Melissa Vieira de Lucena

Padre Antônio Vieira

(Representante do Conceptismo)

Sermões (temas)

- Portugal no contexto europeu
- Brasil: escravidão do negro e do índio, guerra contra a Holanda, ato de pregar um sermão.

Sermões

- *Sermão do XIV do Rosário:* escravidão africana

Em um engenho sois imitadores de Cristo Crucificado: porque padeceis em um modo muito semelhante ao que o mesmo Senhor padeceu na cruz, e em toda sua paixão. (...) Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. (...) Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas, mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: " Sic vos non vobis mellificatis apes".

- *Sermão da Sexagésima:* como fazer um sermão, crítica aos dominicanos e ao cultismo. O tema do sermão é o próprio ato de construir um sermão, trata-se de um texto metalinguístico. É uma lição sobre como dar sermões.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir; com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder as dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, a de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar...

(Obs: muitos de seus sermões usavam a estrutura da argumentação retórica)

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados.

- *Sermão de Santo Antônio aos Peixes:* crítica aos colonos sobre escravidão indigena.

- *Sermão do Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda:* desafia a Deus próprio, pela vitória dos católicos contra os protestantes.

Finjamos, pois (o que até fingido e imaginado faz horror), finjamos que vêm a Bahia e o resto do Brasil as mãos dos holandeses; que é que há de suceder em tal caso? Entrarão por esta cidade com fúria de vencedores e de hereges; não perdoarão o estado, o sexo, nem a idade (...). Chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decoro à sua modéstia, chorarão os velhos, vendo que se não

guarda respeito a suas cãs; chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortesia à sau qualidade; chorarão os religiosos e veneráveis sacerdotes, vendo que até as coroas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os inocentes porque nem a esses perdoará (como em outras ocasiões não perdoou) a desumanidade herética. Sei eu, Senhor, que só por amor dos inocentes dissestes vós, alguma hora, que não era bem castigar Ninive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma inocência vos não abranda. Pois também a vós, Senhor, vos há de alcançar parte do castigo (...).

- *Sermão do Bom ladrão:* distingue os grandes ladrões dos pequenos.

Não só são ladrões, diz o Santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem esse titulo são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais, já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. (...) os outros, se furtam, são enforcados; estes furtam e enforcam.

O Padre Antônio Vieira arrumava muitos problemas e estava sempre transitando entre Portugal e Brasil, pois a cada momento irritava alguém da política/governo de cada país com seus sermões. Uma de suas opiniões mais polêmicas era o fato de que era sebastianista e acreditava na volta de Dom Sebastião, ou seja, falava de reencarnação, o que não era muito bom para a reputação de um padre.

Mas, afinal, o que são sermões? Sermões fazem parte do discurso do Padre na missa. O Padre escolhe uma passagem bíblica e faz comentários sobre essa passagem, relacionado ela com o comportamento da população para fazê-la repensar suas atitudes. Era uma peça de convencimento que partia de dois pressupostos: de que a Bíblia iria comover as pessoas e de lhes faltava moralidade e, por isso, precisam ouvir esses sermões. Vieira sabia mais ou menos quais eram as questões da sua cidade pois estava sempre ouvindo confissões, então conseguia afunilar seus sermões para tratar de temas específicos.

Além disso, sermões eram feitos para serem apresentados somente dentro de Igrejas nas missas de Domingo. Porém, por ter ganhado tanta popularidade, os sermões de Vieira acabaram sendo repetidos por aí. Com a desculpa de que não gostava de ver suas palavras sendo retorcidas, Vieira publicou todos os seus sermões. O seu texto é uma edição primorosa, com uma qualidade tão boa e diferenciada que Fernando Pessoa chamou o padre de "imperador da língua portuguesa". Na época, um padre publicar seus sermões era considerado um ato de vaidade e também era ruim para a reputação de Vieira como padre.

Por outro lado, uma vantagem dos textos de Antônio é exatamente essa: como ele os publicou, tem-se uma certeza de que são dele, uma fidelidade às suas escrituras. A maior parte das obras da época foram recolhidas e atribuídas a determinados autores, mas sem uma certeza absoluta, como as do próximo autor que veremos (Gregório de Matos).

Em seus sermões, Vieira tratava de muitos temas diferentes, criticando fazendeiros que escravizavam negros, governantes que roubavam do povo e até mesmo outros padres.

"Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites."

Gregório de Matos

(Representante do Gongorismo)

Gregório de Matos era um funcionário público (advogado) e poeta, porém nunca publicou nada. As obras que temos com seu nome hoje em dia foram, na verdade, fragmentos recolhidos. A poesia que iremos abordar de Gregório é a lírica, portanto ele foi muito famoso por suas poesias satíricas também.

- Salvador - BA
- Burocracia portuguesa da colônia
- Elite
- Dificuldade de estabelecer obra
- "Boca do Inferno": crítica

Temas

Esquematicamente, podemos identificar duas linhas mestras na obra de Gregório de Matos com algumas subdivisões:

Poesia lírica

- Sacra
- Amorosa (espiritual e carnal)
- Encomiástica (poema de circunstâncias e poemas laudatórios) - Filosófica

Poesia Satírica

A Lírica Sacra: A Culpa e o Arrependimento

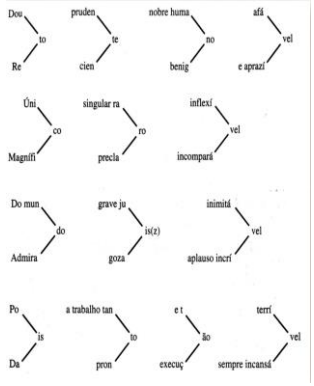
Expressa a cosmovisão barroca: a insignificância do homem perante Deus, a consciência nítida do pecado e a busca do perdão. Ao lado de momentos de verdadeiro arrependimento, muitas vezes o tema religioso é utilizado como simples pretexto para o exercício poético, desenvolvendo engenhosos jogos de imagens e conceitos.

A Lírica Amorosa: O Espírito e A Carne

Apresenta-se sob o signo da dualidade barroca, oscilando entre a atitude contemplativa, o amor elevado, à maneira dos sonetos de Camões, e a obscenidade, a carnalidade. É curioso que a postura platônica é dominante, quando o poeta se refere a mulheres brancas, de condição social superior, e a libido agressiva, o erotismo e o desbocamento são as tônicas quando o poeta se inspira nas mulheres de condição social inferior, especialmente as mulatas. Neste sentido, destaca-se já certa "tropicalidade", a antecipação de certo "sentimento brasileiro".

A Lírica Encomiástica

Gregório de Matos escreveu também poemas laudatórios (de elogio), de circunstância (festas, homenagens, fatos corriqueiros). Um exemplo curioso é o poema cujo início transcrevemos, uma homenagem ao desembargador Belchior da Cunha Brochado:



A Poesia Satírica

Ninguém escapou da língua ferina do "Boca do Inferno": autoridades, comerciantes, padres, freiras, juízes, militares, brancos, pretos, mulatos, índios. Mas havia dois alvos prediletos: o relaxamento moral na Bahia e os "caramurus", primeiros colonos nascidos no Brasil, que aspiravam à condição de fidalgos.

Interpretação comumente aceita:

- Poeta: crítico "nativista" da sociedade baiana
- Elogio da miscigenação racial
- Postura revolucionária

Interpretação nova:

- Manutenção das hierarquias sociais
- Crítico da miscigenação racial
- Postura reacionária

Temática: pecado e arrependimento:

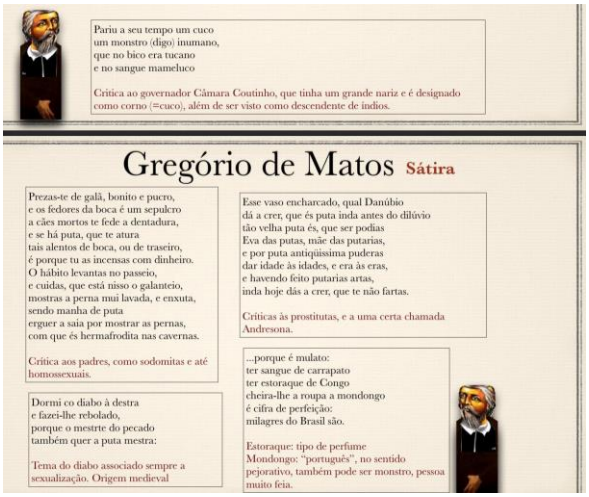
Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido,

Vos tenho a perdoar mais empenhado
Se basta a voz irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino vos deu,
como afirmais na sacra história, Eu sou,
Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória.

Temática: carpe diem (passagem do tempo) e flor (imagem típica da beleza que passa):
Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora
Em teus olhos, e boca, o Sol e o dia;
Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adonis te enamora,
Te espalha a rica trança voadora
Da madeixa que mais primor te envia:
Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota, e a toda a ligeireza
E imprime a cada flor uma pisada.
Oh, não aguardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Representa a vertente do cultismo:
O todo sem a parte não é todo,
A parte com o todo não é parte; Mas
se a parte o faz todo sem a parte, Não
se diga que é parte sendo todo.
Em todo Sacramento esta Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo, cada parte,
Em qualquer parte sempre fica todo.
O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
O todo fica estando em sua parte.
Não se sabendo parte deste todo, Um
braço que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

Algumas Sátiras de Gregório:



Arcadismo

A estética barroca sofreu forte influencia da tensão religiosa desencadeada pela Reforma Protestante. Superado o momento de reação católica mais violenta, o fim do século XVII testemunha o início de uma importante mudança de mentalidade. A partir das descobertas do físico Isaías Newton, sobre a gravitação universal e sobre o movimento dos corpos, a pesquisa científica como forma de compreender e explicar o funcionamento da natureza ganha forte impulso. O ser humano recupera, aos poucos, seu desejo de encontrar explicações racionais para os fenômenos que observa à sua volta. As ameaças de condenação eterna e a necessidade de subordinação absoluta ao poder divino perdem força.

Na base dos estudos dos cientistas iluministas, encontravam-se os três elementos que definiram a sua postura: razão, natureza e verdade.
A natureza é o único desses conceitos que se manifesta de modo concreto para a observação humana. Por esse motivo, era tomada como exemplo da concretização do belo, alcançado pela harmonia e equilíbrio de seus elementos. Os artistas do século XVIII elegem a natureza como principal modelo a ser imitado. Deus passa a ser encarado como uma causa primeira, uma razão superior, criadora do universo, mas a quem não deveriam ser atribuídos todos os pequenos acontecimentos da vida. O ser humano torna-se, mais uma vez, senhor do próprio destino. Cabe a ele estudar e compreender os fenômenos naturais à luz da razão e, por meio da ciência, submetê-los à vontade humana.

Havia, na Grécia Antiga, uma parte central do Peloponeso denominado Arcádia. De relevo montanhoso, essa região era habitada por pastores e vista como um lugar especial, quase mítico, em que os habitantes associavam o trabalho à poesia, cantando o paraíso rústico em que viviam. No século XVIII, o termo arcádia passou a identificar as academias ou agremiações de poetas que se reuniam para restaurar o estilo dos poetas clássico-renascentistas, com o objetivo declarado de combater o rebuscamento barroco.

A busca de recriar, por meio da literatura, o espaço bucólico da Arcádia grega torna a produção literária do período muito convencional. Os cenários apresentados nos poemas mostram sempre o mesmo padrão: campos verdes, árvores frondosas, ovelhas e gado pastando tranquilos, dias ensolarados, regatos de água cristalina, aves que cantam.

Cada uma das arcádias literárias contava com doutrinadores - estudiosos da poética clássica, responsáveis pela elaboração das normas que definiam os princípios da produção artística realizada por seus membros. A adesão a essas regras assegurava à literatura neoclássica o seu caráter convencional.
As características da estética árcade ganham forma nos poemas produzidos. Por trás de cada uma dessas características, pode-se reconhecer a crença na máxima do poeta francês Boileau: “só o verdadeiro é belo”.

É importante que se compreenda o verdadeiro sentido da artificialidade própria da poesia árcade. A repetição insistente de um cenário acolhedor e natural foi a forma encontrada pelos autores do período para divulgar os ideais de uma sociedade mais igualitária e justa. Na simplicidade dos pastores que se preocupam somente em cuidar do seu rebanho e desfrutar dos prazeres da natureza está a proposta de uma vida que valorize menos a pompa e a sofisticação - características das cortes europeias. Nesse sentido, cada poema árcade transforma-se em uma espécie de propaganda que pretende, como resultado final, modificar a mentalidade das elites do período. O combate à futilidade é sua principal meta.
As condições de produção dos textos árcades são muito semelhantes às do Barroco. Os poetas se reúnem em academias, agora denominadas arcádias, e definem os princípios segundo os quais os textos literários devem ser escritos, Com base nesses princípios, julgam a produção uns dos outros.

No caso específico do Arcadismo brasileiro, porém, é preciso considerar mais um aspecto: as condições da produção literária foram bastante afetadas pelo contexto político. A crise da sociedade colonial leva poetas como Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga a se envolverem com os acontecimentos políticos, que culminam com a Inconfidência Mineira. A participação desses autores nesse movimento faz com que muitos dos princípios que defendem para o Brasil apareçam direta ou indiretamente nos versos que compõem.
A simplicidade dos textos árcades garante uma circulação mais ampla. Durante o Barroco, os poetas escreviam praticamente para si mesmos. No Arcadismo, a intenção é divulgar as ideias em textos acessíveis ao maior número de leitores.
Para que isso aconteça, a poesia deixa de ser um divertimento dos salões aristocráticos e começa a circular em espaços mais públicos.

A maior facilidade de compreensão da poesia árcade conquista um grande número de leitores. Um bom exemplo de sucesso alcançado por alguns dos poetas do período é a obra de Marília de Dirceu, de Tomás de Antônio Gonzaga, que se transformou no primeiro best-seller da literatura brasileira. Animados pela história trágica do poeta que, prisioneiro, compunha versos em louvor à sua amada, os leitores da época logo transformaram a primeira edição em um sucesso absoluto. A importância do sucesso dos versos de Gonzaga é muito grande, porque ajuda a identificar o momento em que se inicia o processo de formação de um público leitor brasileiro. Gonzaga e outros poetas árcades, com seus versos, abrem caminho para que, no início do século XIX, os escritores românticos já encontrem um público que lê sistematicamente e se interessa por autores brasileiros.

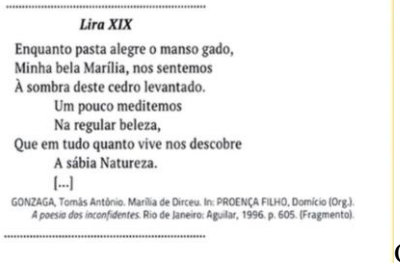
O modelo de vida ideal adotado pelos autores do período envolve a representação idealizada da Natureza como um espaço acolhedor, primaveril e alegre. Os poemas apresentam cenários em que a vida rural é sinônimo de tranquilidade e harmonia.
Bucolismo/bucólico: tudo aquilo que é relativo a pastores e seus rebanhos, à vida e aos costumes do campo. Por esse motivo, a característica árcade de apresentar, nos poemas, cenários de vida campestre foi denominada bucolismo.

A imitação dos clássicos gregos e latinos retoma temas que expressam algumas filosofias de vida características do mundo antigo. Os temas mais renomados são:

- Fuga da cidade, da urbanização, afirmação das qualidades da vida no campo
- Mediocridade áurea (dourada), simboliza a valorização das coisas cotidianas, simples, focalizadas pela razão e pelo bom senso
- Lugar ameno, tranquilo, agradável, onde os amantes se encontram para desfrutar dos prazeres da natureza
- Cortar o inútil, princípio muito valorizado pelos poetas árcades, que se preocupavam em eliminar excessos, evitando qualquer uso mais elaborado da linguagem. Por trás desse princípio, estava o desejo de separar o bom do defeituoso, a fim de garantir que os textos literários se aproximam da perfeição da natureza que pretendiam imitar.
- Cantar o dia, o mais conhecido dos temas desenvolvidos por Horácio trata da passagem do tempo como algo que traz a velhice, a fragilidade e a morte, tornando imperativo aproveitar intensamente o presente.

Um dos aspectos mais artificiais da estética árcade é o fato de os poetas e de suas missas e amadas serem identificados como pastores e pastoras. A troca dos nomes dos membros das arcádias era uma forma eficiente de eliminar as marcas de sua origem nobre ou plebeia. Como todos os membros eram chamados por seus pseudônimos, estabelecia-se entre eles uma espécie de nobre simplicidade, que eliminava tudo aquilo que poderia ser associado à artificialidade e à hipocrisia da vida na corte. Valorizar o saber e a cultura, como defendia a perspectiva iluminista, significava encontrar meios de "neutralizar" diferenças sociais evidentes.

Os textos barrocos se caracterizavam por uma grande sofisticação no uso da linguagem. Poetas e pregadores elaboravam complicadas metáforas, faziam uso recorrente de paradoxos e antíteses, promoviam inversões sintáticas para dar aos textos uma estrutura simétrica. O Arcadismo adota como missão combater a artificialidade verbal do Barroco. Por isso, elege a simplicidade como norma para a criação literária.



Lira XIX

Enquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bela Marília, nos sentemos
À sombra deste cedro levantado.
Um pouco meditemos
Na regular beleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sábia Natureza.
[...]

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: PROENÇA FILHO, Domício (Org.). *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 605. (Fragmento).

Os versos de Gonzaga ilustram bem o desejo árcade de escrever de modo direto, simples e claro. Não há, no trecho, nenhum rebuscamento linguístico, as inversões sintáticas são mínimas, os termos utilizados são bastantes comuns. Ao adotar essa forma

simples, o poeta deseja dar destaque às ideias. No caso desse fragmento, o eu lírico convida Marília (e, por meio dela, também o leitor) a refletir sobre aquilo que nos ensina a “sábia natureza”. Seu propósito é reafirmar a necessidade de tomar a natureza como medida de tudo que é bom, belo e verdadeiro. É essa, na visão dos árcades, a condição para ma vida feliz e tranquila.